

Índice

Cirurgia plástica em adolescentes.....	1
Das “selfies” à “dismorfia Snapchat”.....	4

Cirurgia plástica em adolescentes

Seguindo os passos dos adultos, há cada vez mais adolescentes que se querem submeter a uma cirurgia plástica. No caso deles, o pedido é mais problemático, porque o seu corpo está ainda em desenvolvimento e a sua decisão é muito influenciável por modas e pressões externas. Como atender os seus pedidos? Resumimos um artigo publicado em inglês na revista “Cuadernos de Bioética” (Gianluca Montanari Vergallo, Enrico Marinelli, Simona Napoletano, Natale Mario di Luca, Simona Zaani. “Ethics and/or Aesthetics? Reflections on Cosmetic Surgery for Adolescents”. “Cuadernos de Bioética”, n.º 96, vol. XXIX, 2.ª; 2018), onde investigadores da Universidade La Sapienza de Roma avançam alguns critérios.

Os autores advertem que existem relativamente poucas investigações sobre os traços psicológicos dos adolescentes que se querem submeter a uma cirurgia plástica e sobre até que ponto é apropriado efetuar estas operações em pacientes cujos corpos estão ainda a desenvolver-se.

Há atualmente uma pressão psicológica intensa: ter um corpo atrativo converteu-se para muitos numa prioridade absoluta, com a ideia generalizada de que ter sucesso na vida é algo que está muito relacionado com os atributos físicos.

Insatisfeitos com o seu corpo

Os dados estatísticos refletem a tendência crescente entre os adolescentes de recorrer à cirurgia, alegando imperfeições estéticas que muitas vezes não existem. Tendo em conta esta preocupante tendência, muitos países europeus aprovaram normas mais exigentes para salvaguardar os jovens que decidem submeter-se a estes tratamentos.

Na Áustria, foi proibido que os menores de 16 anos se possam submeter a uma cirurgia plástica, e o mesmo fez o governo alemão em 2014. Os jovens de 16 a 18 anos não precisam do consentimento dos pais, mas têm de passar um exame psicológico e esperar duas semanas antes de assinar o consentimento informado. Em 2012, o governo italiano também legislou sobre este assunto.

Em 2015, a Sociedade Italiana de Medicina Plástica fez uma investigação juntamente com a Universidade “Magna Graecia” de Catanzaro, onde participaram 880 rapazes e 1385 raparigas, de 13 a 18 anos. Em geral, as raparigas tendiam a mostrar mais insatisfação do que os rapazes com o seu corpo e atributos físicos. Os que estavam dispostos a submeter-se a uma cirurgia plástica para melhorar a sua aparência eram 31,3 %, na sua grande maioria raparigas. 15,8 % das raparigas e 3,3 % dos rapazes já se haviam submetido a procedimentos de medicina plástica (como tratamentos de acne, retirar sinais ou pelos indesejados...), ou mesmo cirurgias para corrigir o nariz, as orelhas ou os seios, embora curiosamente mais rapazes (5,3 %) do que raparigas (1,9 %) tenham recorrido às cirurgias.

Capricho ou necessidade?

Os autores diferenciam entre a cirurgia de reconstrução plástica (devido a traumas importantes, acidentes e doenças) e a cirurgia para reparar malformações congénitas, e as operações que não estão relacionadas com nenhuma patologia, mas que se realizam somente por motivos estéticos. Os médicos devem perguntar que razões levam um adolescente a querer submeter-se à cirurgia plástica, para determinar se alguns fatores externos, como a noção de beleza ideal transmitida pelos meios de comunicação, podem influir na sua decisão.

“De facto, na adolescência, falta um equilíbrio psicofísico suficientemente sólido para tomar decisões tão relevantes. Assim, a insatisfação com a aparência física é algo próprio da idade, que pode ser superado à medida que uma pessoa cresce, tornando-se assim desnecessária a cirurgia plástica. Pelo contrário, com o decorrer do tempo, os menores podem vir a lamentar terem-se submetido a procedimentos deste tipo”.

Por outro lado, os autores advertem que se o pedido de uma cirurgia plástica tem origem num transtorno psiquiátrico, como a dismorfia corporal, recorrer à cirurgia não resolve nada. “Efetivamente, a dismorfia corporal tem origem na imagem corporal do próprio corpo a nível mental, não na realidade: por isso, a cirurgia não pode mudar ou mitigar tal percepção errada ou curar o mal-estar do paciente adolescente. Nalguns casos, os que experimentam este transtorno apresentam pequenos defeitos corporais, que eles tendem a ampliar. Noutros casos, os seus traços físicos são perfeitamente normais, mas sentem-se como se os outros os estivessem a olhar constantemente, e experimentam um forte sentimento de incomodidade quando conhecem pessoas novas”.

Nenhuma forma de cirurgia pode ser satisfatória para eles, pois o seu problema é emocional e psicológico mais do que físico. Estes pacientes não necessitam de cirurgia, mas de psicoterapia.

Quando intervir

Para medir e avaliar transtornos psicossociais, as expectativas e os motivos que movem os adolescentes solicitadores de cirurgia plástica, é conveniente aplicar escalas psicométricas cientificamente validadas, como a DASS9, para avaliar o mal-estar psicológico.

Os autores pensam que faz sentido intervir quando existe uma imperfeição física suscetível de ser um obstáculo na vida social devido às comparações com os seus colegas. Por exemplo, pode-se recorrer à otoplastia para corrigir as orelhas

demasiado despegadas, uma técnica que pode realizar-se a partir dos 8 anos, quando as orelhas atingem 90 % - 95 % do tamanho final.

Do mesmo modo, também se podem corrigir a fenda labial e a fenda palatina, para evitar possíveis repercussões psicológicas e as dificuldades sociais que tais peculiaridades podem causar.

Também é aconselhável o tratamento do acne, que em casos graves pode deixar cicatrizes permanentes na cara.

Procedimentos a rejeitar

Por outro lado, os autores pensam que se devem recusar alguns pedidos sem substância dos adolescentes. É o caso do uso de botox e de obturações para prevenir rugas faciais. Estes tratamentos parecem-lhes “inapropriados, pois os adolescentes não têm rugas para corrigir. E podem criar uma dependência que levará a recorrer durante toda a vida a injeções deste tipo”.

Também deveriam ser desaconselhadas as intervenções para corrigir os traços étnicos. Em Itália, adolescentes de origem asiática pedem para se submeter a operações das pálpebras, com o objetivo de “alargar” os olhos e ter uma aparência mais “ocidental”. “Tais práticas são desaconselháveis, visto que podem provocar ‘crises de identidade’ após a alteração física. O jovem paciente pode olhar para o espelho e não reconhecer a sua própria cara, sentindo-se estranho na sua imagem e rejeitando-a”.

Outro procedimento cirúrgico cuja procura tem vindo a crescer é a reconstrução do hímen para testemunhar a virgindade. Efetuar tal intervenção levanta interrogações éticas, pelas consequências que pode implicar em ambientes culturais onde a virgindade é um valor, e pode até ser uma exigência absoluta para se casar. Por outro lado, não existem dados epidemiológicos sobre possíveis complicações, efeitos secundários, etc.

Também há pais que têm filhos com síndrome de Down, os quais solicitam para os seus filhos a cirurgia corretiva para alterar os traços faciais tipicamente associados com a trissomia 21. Os autores pensam que “tais operações são inaceitáveis, porque se baseiam somente no desejo dos pais, são fisicamente penosas e não há garantia de que tenham sucesso”.

Quanto às operações cirúrgicas em raparigas para aumentar ou diminuir o tamanho dos seios, os autores pensam que, enquanto forem adolescentes, deveriam limitar-se aos casos em que haja razões médicas ou malformações congénitas que o aconselhem. “A prioridade é evitar a cirurgia em raparigas cujo desenvolvimento ainda é incompleto. De facto, nesta conjuntura, os seios podem mudar naturalmente, fazendo com

que a rapariga perceba a sua imagem corporal de outro modo e mude a sua atitude psicológica de recorrer à cirurgia”.

Informar e dialogar

Na maioria dos casos, os adolescentes que pedem um tratamento de cirurgia plástica são indivíduos sãos, que sem nenhuma urgência reclamam a cirurgia para corrigir um defeito físico.

Por isso, é tão importante que recebam uma informação completa sobre a natureza da intervenção, as dificuldades, as complicações que podem apresentar-se pelo uso de materiais e próteses... Como a cirurgia plástica não se destina a preservar a saúde do paciente em si mesma, não é suficiente informá-lo sobre os riscos possíveis e correntes, sendo essencial discutir com ele todos os possíveis riscos extraordinários, para que o doente possa compreender os prós e os contras. Como os pacientes procuram uma melhoria do seu aspeto físico, os médicos devem dar-lhe toda a informação relevante sobre a probabilidade de consegui-lo.

A personalidade do adolescente não tem a firmeza da de uma pessoa adulta. É provável que a sua escolha não seja inteiramente livre de pressões externas, que condicionam a sua decisão. Além disso, as prioridades, as convicções, e os gostos, incluindo os estéticos, dos adolescentes, é provável que mudem com o tempo. Mas reverter os efeitos da cirurgia plástica é muitas vezes impossível e sempre arriscado. Isto torna ainda mais necessário valorizar os benefícios que podem ser obtidos não só no momento, como também a longo prazo. O diálogo entre o médico e o paciente é imprescindível.

O facto do tratamento ser solicitado não por razões funcionais mas meramente estéticas, torna ainda mais necessário haver tempo suficiente entre a primeira visita, o procedimento informativo e o consentimento final. Deste modo, os pacientes podem ter mais tempo para decidir se querem expor a sua saúde aos possíveis riscos de uma intervenção por motivos estéticos.

Relação com os pais

A lei italiana não permite que o adolescente decida por si próprio, mas o consentimento informado deve ser proporcionado pelos seus pais. Contudo, à medida que o adolescente vai crescendo, tem de ser levada em conta a sua opinião em relação a tudo o que lhe diz respeito. Em Itália, o Comité Nacional de Bioética estabelece que a partir dos 12 anos, um adolescente pode ser capaz de consentir ou de recusar uma intervenção.

Os pais têm um papel fundamental para proteger a liberdade de autodeterminação e a saúde dos seus filhos. Devido à sua maior maturidade, podem estar mais próximos da posição do médico. Também são os que melhor conhecem o paciente, o seu filho. Por isso, têm um papel fundamental de mediação entre o médico e o adolescente. Além disso, podem proporcionar elementos úteis para que seja percebido o grau de maturidade do jovem; mas também para ajudar o filho a compreender que não se deve submeter a uma cirurgia, porque as suas motivações se baseiam em expectativas de beleza irreais.

Com prudência e proporcionalidade

Os autores concluem que a cirurgia plástica em adolescentes deve ser administrada com grande prudência e proporcionalidade, porque muitas vezes tal escolha é apoiada em razões psicológicas. Será necessário consultar um psicoterapeuta, que pode ajudar o paciente a enfrentar a sua aparência física e aumentar a sua autoestima.

O médico, ao lidar com adolescentes, deve ser capaz de proporcionar conselho ou dissuadir, dado o insuficiente desenvolvimento da personalidade do paciente. Deve negar-se a realizar intervenções que considera inadequadas para a idade do paciente. De facto, é incorreto recorrer à intervenção cirúrgica num paciente que se está a desenvolver, porque pode implicar uma alteração num corpo que a natureza ainda está a moldar.

Se um adolescente necessita de reduzir a gordura corporal, os médicos deveriam desaconselhar a lipoaspiração e recomendar-lhe em troca um estilo de vida mais saudável. Certamente, não se deve deixar o paciente sozinho com o seu mal-estar físico ou estético, sendo melhor conduzi-lo por um caminho preventivo que pode desembocar num desenvolvimento harmonioso.

Por isso, os autores desaconselham firmemente o recurso à cirurgia, quando existem alternativas menos invasivas.

Das “selfies” à “dismorfia Snapchat”

A moda das *selfies* pode dar lugar a um novo transtorno psicológico, que alguns especialistas designam por “dismorfia Snapchat”.

Num [artigo](#) publicado no “JAMA Facial Plastic Surgery”, informa-se que muitas raparigas estão a utilizar *selfies* organizadas com Photoshop como modelos para perspetivar a alteração da sua aparência física.

Através de aplicações de *smartphones*, é fácil que as raparigas consertem a sua imagem e encham os seus lábios, removam imperfeições da pele, branqueiem os seus dentes ou obtenham pestanas mais longas. Depois, levam a *selfie* a um cirurgião plástico e pedem-lhe: “Faça-me assim”. Em 2015, 42 % dos cirurgiões disseram ter recebido este tipo de pedidos; em 2017, foram 55 %.

Os autores, da Boston University School of Medicine, escrevem: “Antes, os pacientes traziam à consulta imagens de famosos como modelos para emular o seu aspeto atrativo. Por outro lado, agora surgiu um novo fenómeno, chamado “dismorfia Snapchat”, pelo qual os pacientes reclamam a cirurgia plástica para se parecerem com versões retocadas de si mesmos, com lábios mais grossos, olhos maiores ou nariz mais pequeno. É uma tendência alarmante, porque essas *selfies* apresentam frequentemente imagens inalcançáveis e estão a esbater a fronteira entre a fantasia e a realidade para esses pacientes”.

A tendência é preocupante, dizem, porque pode levar ao transtorno de “dismorfia corporal”, um tipo de preocupação compulsiva pela aparência física. Estas pessoas podem dedicar tanto tempo a pensar nas imperfeições físicas que veem nelas, podendo ser incapazes de funcionar na vida diária. Um estudo de 2007, publicado na revista “Primary Psychiatry”, assegura que 80 % dos afetados por este transtorno “têm ideias suicidas, e entre 24 % e 28 % tentam suicidar-se”.

Imagens idealizadas

Os autores sugerem que aquilo de que necessitam estas pessoas não é de cirurgia plástica, mas de algum tipo de intervenção psicológica, como terapia cognitiva comportamental, juntamente com a medicação.

“A omnipresença destas imagens idealizadas pode afetar a autoestima, e fazer com que a pessoa se sinta inadequada por não ter certa aparência física na realidade”.

Os autores fazem notar que as *selfies* podem levar a confundir Internet e o mundo real. A sua autoestima baseia-se no que veem nas fotografias. “Essas *apps* fazem com que as pessoas percam o contacto com a realidade, porque esperam aparecer na vida normal tão arranjadas e retocadas como nas fotografias. As *selfies* retocadas podem ter efeitos prejudiciais em adolescentes ou em pacientes que sofrem de dismorfia corporal, porque uns e outros interiorizam mais estes modelos de beleza”.

Neelam Vashi, coautora do estudo, declarou ao “The Washington Post”: “A nossa sociedade está cada vez mais preocupada, obcecada com as redes sociais, as imagens e as fotografias, e com a aparência física. Por todo o lado, as pessoas estão a fazer *selfies* e a enviá-las para as redes sociais... Isto pode provocar sentimentos de tristeza, e se alguém desenvolve este transtorno, a tristeza progride e converte-se em algo que pode ser perigoso e alarmante”.

M. C.